

Entrevista com



Foto Roberto Brito

Prof. Dr. Manuel Lopes dos Santos

Breve currículo

Nasceu na Aldeia de Paradela, Portugal, em 26 de outubro de 1937. Ingressou na Escola Paulista de Medicina em 1958, no curso de Medicina e, de 1963 até hoje, fez toda uma carreira na Instituição.

- 1979 a 1980 - Presidente da Comissão de Residência e Estágio;
- 1981 a 1991 - Chefe da Disciplina de Pneumologia do Departamento de Medicina;
- 1985 a 1991 - Diretor Clínico do Hospital São Paulo;
- 1985 - Professor Titular da Disciplina de Pneumologia do Departamento de Medicina;
- 1991 a 1995 - Diretor da Escola Paulista de Medicina;
- 1994 - Nomeado Reitor *Pró-Tempore* da Universidade Federal de São Paulo para o quadriênio 1995/1999;
- 1995 - Nomeado Pró-Reitor de Extensão da Universidade Federal de São Paulo para o quadriênio 1995/1999;
- 1999 - Renomeado Pró-Reitor de Extensão da Universidade Federal de São Paulo para o quadriênio 1999/2003.

Publicações:

- 157 Trabalhos em revistas;
- 97 Resumos em revistas;
- 21 Livros e capítulos de livros.

Esta entrevista foi realizada pelos professores Armando Luís Serra, Eduardo Santos, Heloísa Baccaro Rossetti e Terezinha Regina Prupere Ogata, membros dos órgãos editoriais de *ConSCIENTIAE* Saúde.

ConSCIENTIAE Saúde: O Governo brasileiro, por meio de suas instituições de fomento à pesquisa, provê investimentos na formação de doutores, tanto na área da saúde quanto em outras áreas. Muitos desses doutores obtêm a sua formação no exterior e, ao retornarem ao Brasil, deparam com dificuldades de inserção profissional em atividades de pesquisa. Alguns deles são obrigados a sair do país, enquanto outros trocam a pesquisa por qualquer emprego. Esta tem sido, em sua opinião, uma regra geral? O que deve ser feito de imediato para que não ocorra a evasão desses jovens doutores do país?

Prof. Manuel Lopes:

Eu acho que há um certo exagero, não se trata de uma regra geral. O que acontece é que até bem pouco tempo, a própria FAPESP provia apoio àqueles que eventualmente faziam o seu pós-doutorado no estrangeiro para que pudessem inserir-se aqui no mercado de trabalho e fazer a sua pesquisa. Evidentemente, o que acontece ainda é que indivíduos de gabarito vão ao exterior, fazem o seu pós-doutorado ou estágio, e acabam ficando lá porque a própria estrutura local é mais abrangente e os absorve.

ConSCIENTIAE Saúde: O senhor acredita que o campo de trabalho aqui, para esses pesquisadores, é razoavelmente incorporador?

Prof. Manuel Lopes: Entendo que sim, especificamente em São Paulo, Rio de Janeiro e também nas grandes cidades, até porque hoje a nossa FAPESP, que é a grande motora da pesquisa em São Paulo, praticamente não nega apoio a uma pesquisa cujo protocolo seja bem feito.

ConSCIENTIAE Saúde: Um problema crônico que o país enfrenta é a dependência em relação ao exterior quanto às fontes de consulta científica na área de saúde - livros, periódicos etc. - utilizadas na formação de pesquisadores e professores. Como as instituições de ensino e pesquisa e órgãos de fomento brasileiros podem atuar para estimular a publicação de obras baseadas no conhecimento obtido a partir de pesquisas realizadas no Brasil?

Prof. Manuel Lopes: De fato, esta é uma questão mais complicada. A dificuldade não existe mais em termos internacionais, quer dizer, acho que a informática veio resolver este problema: hoje o pesquisador ‘troca



Foto Roberto Brito

figurinhas’ com seu colega em qualquer país do mundo, numa linha de pesquisa em que ambos eventualmente estejam trabalhando. A outra questão diz respeito à comunicação das nossas revistas. Acredito que, até didaticamente, seria muito importante que houvesse maior agilização e incentivo para publicação dessas pesquisas.

ConSCIENTIAE Saúde: O senhor acredita que tanto o governo quanto outras instituições de ensino e pesquisa não-estatais poderiam contribuir?

Prof. Manuel Lopes: Com certeza. Algumas instituições já têm seus periódicos, em que publicam as melhores pesquisas. Algumas revistas alcançam nível internacional na qualidade dos

trabalhos publicados e têm amparo de órgãos oficiais de fomento.

ConSCIENTIAE Saúde: Em sua opinião, a destinação de recursos para a pesquisa científica, nas áreas de saúde, tem obedecido a padrões de preferência ou prioridade para determinadas áreas? E em que medida estes padrões respondem aos interesses do desenvolvimento nacional?

Prof. Manuel Lopes: A pesquisa brasileira é bastante internacionalizada. Ultimamente tem havido alguma preocupação em torná-la mais missioneira, mais objetiva. Um exemplo é o Projeto Genoma. Por outro lado, poucos projetos contemplam o problema sanitário do país. Evidentemente o pesquisador prefere a pesquisa de laboratório à de campo.

ConSCIENTIAE Saúde: Com relação à dotação orçamentária do governo federal, qual a sistemática utilizada para o financiamento da pesquisa no país? A política científica depende de mais recursos para incrementar nossa capacidade de produção de conhecimento? Como o governo poderia ampliá-los sem comprometer as metas econômicas acordadas com os organismos internacionais?

Prof. Manuel Lopes: A dotação orçamentária é sempre pequena, mas existem gastos que poderiam ser evitados. Exemplificando: dos recursos da FAPESP, mais de 95% chegam ao pesquisador. Outros órgãos federais de fomento gastam uma quantia enorme em administração. A maioria que ajuda a pesquisa no Brasil tem administração de balcão: o pesquisador faz o projeto, apresenta-o à agência de fomento e recebe ajuda, ou não, dependendo da qualidade do projeto. Projetos temáticos são raros. A FAPESP

mais uma vez tem inovado, o Projeto Genoma é um deles.

ConSCIENTIAE Saúde: Vamos voltar à questão da pesquisa genética, área que parece ter conseguido avanços significativos no Brasil. Qual é a real posição do país em relação à pesquisa genética, tanto em termos de resultados quanto de destinação de recursos, numa comparação com os recursos alocados para outras áreas da saúde?

Prof. Manuel Lopes: Temos conseguido avanços em todas as áreas biológicas; pequenos, é verdade. Os recursos são sempre pequenos. Pesquisas como o Projeto Genoma têm grande impacto por serem projetos temáticos, que envolvem muitas pessoas e instituições e recebem ajuda da mídia. Não conheço os números mas acho que a genética não está nem melhor nem pior em relação aos recursos alocados.

ConSCIENTIAE Saúde: Com referência à dicotomia ciência básica e ciência aplicada, qual seria a visão mais adequada e também mais consistente para orientar os investimentos em pesquisa nesses dois ramos da ciência?

Prof. Manuel Lopes: É uma falsa questão. A pesquisa hoje, regra geral, é missioneira e sempre feita com objetivos definidos. O pesquisador da área profissional faz pesquisa na área dita básica, mas objetiva. O pesquisador da área básica faz pesquisa com objetivos clínicos. Em pouco tempo, não mais se falará em pesquisa pura ou aplicada. Será simplesmente pesquisa.

ConSCIENTIAE Saúde: Como o senhor avalia, comparativamente, o papel das universidades e dos centros universitários particulares diante dos desafios de capacitação de professores e pesquisadores? Eles devem permanecer como centros de excelência

de ensino, ou deveriam almejar oferecer contribuição efetiva para as políticas de capacitação e pesquisa, numa tentativa de suprir a falta de especialistas nas diversas áreas científicas e minimizar nossa condição de importadores de conhecimento?

Prof. Manuel Lopes: Eu diria que é falso dilema caracterizar instituições de ensino em públicas e privadas. Todas são públicas. Uma são patrocinadas pelo estado, e outras, pelos usuários. Todas deveriam ter os mesmos objetivos no ensino e na pesquisa. Ca-

“A pesquisa hoje, regra geral, é missioneira e sempre feita com objetivos definidos”.

minhamos para isso a passos ainda não tão largos, mas chegaremos lá.

ConSCIENTIAE Saúde: Até que ponto as instituições de ensino, particulares e públicas, devem ser vistas como concorrentes ou parceiras na formação de pessoal especializado?

Prof. Manuel Lopes: Elas têm que ser parceiras. Não têm por que competir, já que os objetivos são obrigatoriamente os mesmos.

ConSCIENTIAE Saúde: Vamos fazer uma provocação. O senhor não acha que esta é uma visão um pouco romântica, na medida em que os interesses econômicos e empresariais, de uma maneira ou de outra, dirigem os inte-

resses políticos, levando à geração de campos distintos de interesses entre públicas-estatais e privadas?

Prof. Manuel Lopes: No nosso país os interesses podem ser múltiplos realmente, mas é só uma questão de tempo. A pesquisa poderá ter também objetivos econômicos e ser válida. O exemplo mais característico se refere aos laboratórios farmacêuticos que investem maciçamente em pesquisa de altíssimo nível e de ponta. São os responsáveis pelo descobrimento dos melhores e mais eficientes fármacos.

Os laboratórios farmacêuticos são estruturas capitalistas por excelência, e o seu maior capital é a pesquisa.

ConSCIENTIAE Saúde: Eles poderiam, então, estabelecer uma relação de parceria maior tanto com as universidades privadas quanto com as públicas. Para o senhor, é esse o cenário?

Prof. Manuel Lopes: É. Fora do país, é muito mais a particular do que a pública.

ConSCIENTIAE Saúde: A formação educacional brasileira nos níveis fundamental e médio, particularmente no ensino público, apresenta condições de qualidade abaixo das expectativas menos exigentes. Com algumas exceções, os alunos das escolas públicas não chegam à universidade pública, considerada de melhor nível; dirigem-se às particulares. Se esses alunos optam por uma carreira científica e/ou acadêmica, deparam com dificuldades homéricas de formação, principalmente quanto às disciplinas básicas. Qual deveria ser a posição das IES privadas diante dessa situação?

Prof. Manuel Lopes: Acredito que até mesmo esta diferença não seja tão grande assim, isto é, os ‘gênios’ que existem nas universidades privadas também existem nas públicas. Claro que os bem preparados estão proporcio-

nalmente mais presentes nas públicas do que nas privadas. Mas acredito que não existam alternativas, todos terão oportunidades. A maneira de fazê-lo, talvez a mais lógica, seja aquela que se tem discutido, aqui no Brasil, embora mais no discurso do que na prática: o que deveria ser gratuito não é a universidade, mas o aluno. Este deveria estudar onde quisesse. Nesse caso, os melhores seriam os escolhidos, quer nas públicas ou nas privadas. É para esse tipo de cenário que provavelmente caminharemos, mas teremos de trabalhar muito em prol dessa educação. O correto seria que o aluno fosse contemplado com bolsa de estudo, e não a universidade.

ConSCIENTIAE Saúde: Nos Estados Unidos, há uma prática de financiamento governamental para as universidades particulares que se destacam na produção científica; já no Brasil, as agências financiadoras, de uma maneira geral, privilegiam as instituições públicas. Teríamos condição de adotar modelos similares ao dos Estados Unidos? Aqui no Brasil ele seria viável e positivo?

Prof. Manuel Lopes: Seria extremamente positivo, não sei se viável, mas isso também é uma questão política, só política. Acho que já temos exemplos aqui no Brasil de uma instituição privada ser ajudada pelo estado, e entendo que não deveria haver diferença entre uma estrutura pública e outra privada. O que teria de ser igual é a capacidade de produzir ciência; se tiverem a mesma capacidade de produzir ciência, deverão ser igualmente apoiados.

ConSCIENTIAE Saúde: Por sua condição de Ex-Reitor e, atualmente, Pró-reitor de Extensão, o senhor tem larga experiência na temática do intercâmbio. Como vê o processo de interação empresa/comunidade?

Que tipos de riscos se corre nesse processo, e quais as maneiras de minimizá-los?

Prof. Manuel Lopes: Eu acho que não há nenhum risco para o conhecimento. Acredito que as instituições de ensino – sejam elas particulares ou públicas – já saibam se defender dos eventuais riscos. O que vejo é que não há tradição no Brasil de a iniciativa privada ajudar, ou melhor, patrocinar o ensino e a pesquisa. Nisso estamos caminhando ainda. Existem algumas instituições em São Paulo que se dedicam a isso, mas,

“... os ‘gênios’ que existem nas universidades privadas também existem nas públicas”.

evidentemente, estamos engatinhando. No entanto, é um futuro que deverá concretizar-se no país à medida que a sociedade for progredindo.

ConSCIENTIAE Saúde: Um dos requisitos atuais para funcionamento das universidades e dos centros universitários é a interação com a comunidade. Esse tipo de interação tem sido feito, em geral, na forma de ofertas de serviços, atendimentos fisioterápicos e odontológicos, entre outros. Quando se pensa o conhecimento científico, como as instituições de ensino poderiam agir para divulgá-lo no interior das comunidades e também, ao contrário, incorporar o conhecimento dessas comunidades?

Prof. Manuel Lopes: Isto é extensão, realmente uma atividade de dupla mão: a sociedade vai à universidade para aprender alguma coisa, e esta deveria fazer a mesma coisa, ou seja, ir à comunidade para aprender algo e, eventualmente, tentar resolver alguns problemas detectados pela própria universidade na comunidade. Se você quiser ser bastante futurista, posso adiantar que hoje os grandes pensadores estão caminhando para essa concepção: a universidade deverá incluir o fato de ensinar e aprender o que fazer na sociedade e, então, no futuro, a universidade será só extensão. É um cenário...

ConSCIENTIAE Saúde: O Brasil apresenta excepcionais condições para utilização econômica de seus recursos naturais – fauna e flora, especialmente –, o que, teoricamente, abriria também bastante possibilidade de mercado aos profissionais de ciências biológicas, pois é preciso conhecer estes recursos para preservá-los ou explorá-los, numa perspectiva de desenvolvimento sustentável. No entanto, o mercado de trabalho restringe-se praticamente aos institutos de pesquisa e às universidades públicas. Que fatores impedem a ampliação do mercado de trabalho para esses profissionais?

Prof. Manuel Lopes: A inserção de mais profissionais nesta área é desejável. As dificuldades, ao que parece, são econômicas. Teremos de nos cuidar, principalmente na área médica. O charlatanismo impera, mas existe a medicina popular que tem muito de verdade e grande parte dela desconhecemos. Biólogos, tecnólogos e outros profissionais poderiam encaixar-se bem nessas pesquisas.

ConSCIENTIAE Saúde: Ainda com relação à abundância de recursos naturais no Brasil, e considerando o prestígio cada vez maior dos movimentos

mundiais de preservação, em nome do equilíbrio do planeta e da própria espécie humana, qual é a sua avaliação sobre as discussões que propõem a internacionalização da Amazônia?

Prof. Manuel Lopes: Considero que a Amazônia poderá ser internacionalizada em termos filosóficos, pois politicamente acredito que uma coisa não se relaciona com outra, quer dizer, o fato de os pesquisadores poderem ter acesso às fontes naturais da Amazônia não quer dizer que ela vá se tornar européia.

ConSCIENTIAE Saúde: Como o senhor vê o problema da sobreposição de funções que podem ser exercidas pelos profissionais das Ciências Biológicas, Biomédicas, Farmácia e Bioquímica e, mesmo de áreas como Nutrição e Medicina, que têm sido objeto de processos impetrados pelos respectivos Conselhos representativos que buscam defender suas posições no mercado de trabalho?

Prof. Manuel Lopes: Isso é corporativismo puro. Várias profissões poderão trabalhar na mesma área. Devemos caminhar para o futuro, entendendo que o saber fazer é mais importante que o diploma. É lógico que não estamos afirmando que a educação clássica é pouco importante, mas não tem sentido exigir que um médico não faça um curativo e a enfermeira não examine o doente.

ConSCIENTIAE Saúde: No entanto, subsiste um problema de segurança e de saúde pública, de tentar evitar charlatanismos que coloquem vidas humanas em perigo.

Prof. Manuel Lopes: O desenvolvimento do espírito crítico da sociedade é cada vez maior. Todos nós vamos aprender, em curto espaço de tempo, a lidar com essa problemática.

ConSCIENTIAE Saúde: As questões éticas e culturais têm adquirido grande importância na agenda de pesqui-

sadores, professores, filósofos e formuladores de políticas. Recentemente, por exemplo, foi divulgado um novo código de ética médica. Como o senhor avalia o tratamento dado a esses temas no Brasil, particularmente, na área de saúde?

Prof. Manuel Lopes: Todas as profissões, particularmente as da área da Saúde, já têm o seu código de ética. É verdade que nem sempre é cumprido. A conduta ética é cada vez mais importante. Exemplificando: a privacidade do ser humano está terminando. A ética é talvez o único instrumento para preservar essa privacidade.

ConSCIENTIAE Saúde: O que se pode esperar dessa política de redução de tempo para a realização dos trabalhos de mestrado e doutorado nas universidades públicas, com relação ao impacto que podem ter na qualidade da formação de cientistas e professores? Quanto à carreira docente, esta diminuição de prazo não implicaria sérios prejuízos à necessária formação didática?

Prof. Manuel Lopes: Os prazos são razoáveis. Os quatro anos para o doutorado e dois ou três para o mestrado são suficientes para o curso e o desenvolvimento de uma pesquisa. Entendo que, em determinadas áreas, o tempo precisaria ser maior, mas, como regra, o tempo é suficiente. O médico, por exemplo, faz seis anos de curso, quatro de residência, três de mestrado e quatro de doutorado. Certamente, inicia sua carreira com idade muito avançada.

ConSCIENTIAE Saúde: Vamos aproveitar para contar, provocativamente, uma experiência mexicana. O Prof. Arturo Ornellas, médico da Universidade de Cuernavaca, no México, conseguiu aprovar, no Conselho Universitário, a outorga de um título de sábio, algo diferente de um título de *honoris causa*, homenagem que se faz, geralmente, a profissionais titulados, com larga experiência na área científica. Este título de sábio é para ser dado

àquelas pessoas que não têm o saber formal escolar, mas detêm uma enorme sabedoria, fruto da experiência prática. Podem-se citar aqui os indivíduos pertencentes a etnias indígenas que atuam nas comunidades e detêm conhecimentos largamente difundidos, que poucos cientistas dominam. Como é que o senhor vê isso? Trata-se de um avanço na nossa concepção de ciência, ou é um avanço apenas na relação entre os saberes?

Prof. Manuel Lopes: Acho que o bom senso terá de acompanhar sempre essas resoluções. A instituição 'universidade' deverá estar cada vez menos ligada ao cartório. Alguns países já contornaram esse problema e, quanto a esse tipo de resolução, deverão considerar o ser humano como um todo.

ConSCIENTIAE Saúde: Discutindo a crise do paradigma científico e identificando os sinais de um novo paradigma, o sociólogo português Boaventura de Souza Santos faz duas formulações provocativas, a saber: 1) toda ciência é social; 2) não há, desde o ponto de partida, uma pesquisa absolutamente neutra. Como é que o senhor vê essa formulação do sociólogo português e como essas discussões estão impactando a área médica?

Prof. Manuel Lopes: Há dez ou quinze anos, teria algum sentido separar a pesquisa pura da missionária. Hoje não fazemos mais isso. Separar a universidade no tripé graduação, pós-graduação e pesquisa e extensão é meramente formal. Todas essas áreas têm objetivos sociais e são, portanto, extensão.



Foto Roberto Brito